

# O Campeonato de Xadrez de Lisboa

## foi ganho por Carlos Pires

O xadrez desportivo encontra-se de novo em plena actividade. Todavia, a «engrenagem» apresenta ainda deficiências no plano geral das provas e, mais acentuadamente, na questão do «calendário» das mesmas. Acaba de se disputar o Torneio Principal da Associação de Xadrez do Sul. Ao vencedor foi atribuído o título de Campeão de Lisboa, de harmonia com o Regulamento da Federação.

Em nossa opinião, tendo em vista a prova que se segue — o Torneio dos Mestres do Sul — essa homologação carece de lógica.

Em teoria, talvez isso seja admissível, mas, na prática, as coisas mudam um tanto...

Com efeito, o Campeonato de Lisboa de 1946 foi disputado por 8 jogadores de categoria de Honra da Associação e apenas por 3 mestres mais, um dos quais desistiu.

Mais de meia dúzia de mestres não quiseram concorrer, apesar de estar em jogo um título.

Porquê?

Por motivos particulares, para uns, puro desinteresse para outros. Mas todas as razões se fundem numa só: os torneios das Associações Regionais, pela sua própria natureza, carecem de atractivos para jogadores de primeira força.

A verdade é que a maioria dos xadrezistas que não participam não são «mestres», e, por outro lado, se jogassem todos estes, teríamos então de recorrer ao aborrecido sistema de eliminatórias.

Acresce ainda que em seguida ao Campeonato de Lisboa se deve «fechurar» o Torneio dos Mestres, tendo como objectivo, além do da candidatura dos aspirantes à categoria, apurar determinado número de jogadores para a final, donde sairá o «challenger» que será oposto ao actual detentor do título máximo, o dr. Mário Pereira Machado.

Estamos, pois, em presença dum cadeia de provas, que nem a todos poderá convir disputar, pelo esforço que exigem, visto deverem ser realizadas com pequenos intervalos.

O Torneio dos Mestres do Sul será disputado, ao que parece, muito em breve, e os melhores classificados, juntamente com os campeões do Norte, jogarão depois a final.

Está aqui um torneio — no qual se inscreverão seguramente os xadrezistas mais representativos da Capital — em que a homologação do título de Campeão de Lisboa se justificará melhor, sem dúvida. E, não obstante, supomos que não haverá sequer título algum para premiar o vencedor.

Está pois um problema interessante para o qual chamamos a atenção dos dirigentes do xadrez desportivo.

As objecções que poderão ser feitas a esta sugestão, serão talvez de consideração; contudo, julgamo-las insuficientes. Seria apenas uma questão de estudo!

Carlos de Araújo Pires ganhou o Torneio, conquistando o título de Campeão de Lisboa, que já em 1937 lhe pertencera.

Não obstante as considerações expostas no preâmbulo deste artigo, ganhou com merecimento, apesar de não ter jogado um lupulo um Brannhan.

Mes... e se não tivesse sido Pires, ou mesmo Moura, o vencedor? Sim, que significado teria o título nas mãos dum Vasco Santos ou dum Pereira da Costa — dois «novos» com mais vontade de ir mais além do que «saber», de nenhuma experiência em Torneios de grande envergadura, e com mais conhecimentos de teoria, respaldados dos livros e tratados, do que da técnica de bem conduzir um ataque contra o logue adverso ou conduzir um «final» de partida!...

Mas continuemos a nossa apreciação das actuações dos xadrezistas — ter-se um tanto ingrato, por sinal, porque o próprio «crónica» participou também na contenda...

Carlos Pires ganhou o Torneio com 7 vitórias e 2 derrotas, obtendo a bonita percentagem de 77,7% — ou 80% se contarmos o ponto contra G. Russell.

A classificação final foi a seguinte:  
1.º C. Pires, 7 pontos; 2.º Pereira da Costa, 6; 3.º João de Moura e Vasco Santos, 5,5; 5.º A. Araújo Pereira e Marçal Rocha, 4,5; 7.º Albino Martins, 4; 8.º Manuel Antunes, 3,5; 9.º Lucílio Ventura, 2,5 e 10.º Costa Moreira, 2 pontos.

Desistiram por motivo de doença J. Casimiro Vinagre, logo no começo, e Gabriel Russell, campeão de 1945, a meio da prova.

Infelizmente para Russell, a sua desistência não foi bem recebida por todos, pois não é a primeira vez que o fez, com a agravante de ter desistido após a sua terceira derrota.

A vitória de Carlos Pires teve certo mérito. Com 2 derrotas logo de começo, as probabilidades de vir a ganhar o Campeonato pareciam bem insignificantes. Mas o decurso da prova demonstrou o contrário. João de Moura, Vasco Santos e Albino Martins, aqueles que mais se destacaram durante a maior parte do Torneio, acabaram por ultrapassar esse número de reverses, ao passo que o ex-campeão nacional não sentiu mais o travo da derrota!...

Na derradeira jornada, a que assistiu o Inspector dos Desportos,



Um aspecto do campeonato de xadrez de Lisboa, no momento em que jogavam o engenheiro Correia Neves com Manuel Esteves e o nosso colaborador Vasco Santos com Carlos Pires

Dr. Ayala Boto, somente dois jogadores podiam aspirar ainda ao título — Carlos Pires e Vasco Santos.

Por curiosa coincidência, defrontaram-se ambos nessa sessão. A Pires bastava o empate. Jogou com as pretas, adoptando a «defesa Caro-Kann» (1. e 4. c6), pondo de parte, enfim, a sua variante predilecta e quase lendária — a «defesa Siciliana» (1... c5). V. Santos opinou pelo ataque Pannoft (2. d4, c5; 3. Pxp, Pxp; 4. c4) considerado a mais forte continuação nesta abertura. Após meia dúzia de lances de parte a parte (4... C6; 5. Cc3, Cc6; 6. Cf3, g6; 7. Bg5) Pires contava mais de uma hora de tempo de reflexão, e a sua posição não era das mais alreantes.

O lance 7. Bg5 visa o ganho do P d5. C. Pires imaginou uma engenhosa continuação, arriscando quase a partida. Jogou 7... Cc4. Puro «bluf»! Na realidade, as brancas obtêm jogo bastante favorável mediante 8. Cxe4, Pxe4; 9. d5!, mas em lugar disso cometeram um erro crasso, baseado numa análise quimérica: 8. Cxd5?

E' claro que perdem a seguir, após 8... Cxg5; 9. Cxg5; 66! A continuação 10. Df3, Dxg5; 11. Cc7+, Rd8; 12. Cxg8, revelou-se insuficientemente, por causa de 12... Bb4+, seguido de mate ou entrega de Dama.

A luta para o primeiro lugar teve assim um desfecho frouxo, inesperado.

Um resultado injusto? Talvez. Ao fim e ao cabo, ganhou aquele que tinha mais estofos para ostentar o título de honra do Xadrez lisboeta!

O 2.º lugar foi para A. Pereira da Costa, que, por ter sido o melhor classificado entre os da sua categoria, conquistou o título de Campeão da Categoria de Honra da A. X. S.

Não podia ficar em melhores mãos. Pereira da Costa vem progredindo de torneio para torneio, demonstrando, a-par das suas naturais faculdades, o muito gosto pela cultivação da teoria e estudo da técnica dos grandes mestres internacionais.

João de Moura bateu o vencedor e isso trouxe-lhe a vantagem sobre V. Santos, no desempate, apesar de ter sido vencido por este. Moura não está em forma, decerto porque, ao vencer Carlos Pires na 3.ª sessão, tinha todos os triunfos na mão e não soube aproveitá-los. Perdeu imerecidamente com Pereira da Costa e L. Ventura.

V. Santos desenvolveu como sempre jogo incerto, com partidas relativamente boas, como as que disputou contra os mestres Moura e Russell, e outras más, como as que jogou com Pereira da Costa e Albino Martins. Perdeu partidas que não devia perder — e em contra-partida, ganhou outras que não devia ganhar!

Araújo Pereira ficou em 2.º no Torneio de Categoria de Honra disputado conjuntamente (os resultados entre os jogadores desta categoria eram também contados à parte para o efeito de ordenar os jogadores e apurar os candidatos ao Torneio dos Mestres) — mas no Campeonato de Lisboa foi o 5.º, pois perdeu as duas partidas contra os mestres inscritos. A sua maior experiência fê-lo arrancar triunfos numa ou noutra partida perdida ou empatada...

Araújo Pereira, Pereira da Costa e Vasco Santos são os candidatos ao próximo Torneio dos Mestres.

Marçal Rocha teve uma estreita auspiciosa na sua primeira prova de envergadura. Com um pouco mais de sorte teria obtido a classificação que o guindaria ao Torneio dos Mestres. Excelente a sua regularidade: 2 derrotas com os primeiros classificados, 5 empates com os seguintes e 2 vitórias com os últimos.

Albino Martins foi durante longo tempo o «leader» da prova. Por capricho do sorteio, coube-lhe de início os jogadores menos apetrechados. 4 derrotas consecutivas afundaram-no para um posto muito modesto, contra todas as previsões. Jogador dotado de magnífica intuição, sabe pouco de teoria, e, por isso mesmo, não lhe será fácil firmar classe.

Manuel Antunes e Lucílio Ventura classificaram-se abaixo do que seria de esperar das suas possibilidades reais.

Costa Moreira acusou a estresse. Melhor treinado, saberá decerto aproveitar «chances» que neste torneio deixou escapar.

Dos desistentes, G. Russell pareceu estar em má forma, e Vinagre, que foi o vencedor da sua eliminatória, apresentara-se capaz de sair vitorioso da luta pelo cobizado «tiro» dianteiro — o trampolim para o próximo Torneio dos Mestres.

A organização e direcção do Torneio, e cargo da Associação de Xadrez do Sul, foi impecável, até nos mais pequenos pormenores. Um nome a destacar: Manuel Esteves, presidente da A. X. S. Um elemento imprescindível, de vistas largas, e de cuja acção muito há que esperar ainda.

Vasco C. Santos